1- Introdução

A partir da segunda metade do século XX o questionamento do cânone literário eurocêntrico é intensificado. Essa atitude está intrinsecamente relacionada com a independência formal de muitos países, especialmente africanos e asiáticos, ocorridos em sua maioria na segunda metade do século XX ou poucos anos antes, como por exemplo, a independência da Índia, em 1947.

Com a independência formal, o que significa independência política, inicia-se o processo de independência intelectual dentre muitos outros. Porém, não se deve pensar que a independência intelectual é o retorno ao que havia antes da colonização uma vez que esse retorno é impossível.¹

Na verdade, a tentativa de retorno à origem é apenas uma possível etapa do processo de descolonização intelectual, já que o encontro entre culturas provoca inevitavelmente uma transculturação de ambos os povos em contato, ou seja, uma cultura influencia e modifica a outra e, conseqüentemente, gera sociedades híbridas.²

Toda transculturação prevê a perda e a absorção de elementos da outra cultura gerando uma cultura nova, uma cultura que possui elementos de ambas as culturas originais, mas que ao mesmo tempo se difere de ambas.

Então, a independência intelectual é entendida aqui como um processo de ab-rogação das estruturas coloniais, no entendimento de Bill Ashcroft, em favor dos interesses do ex-colonizado.³

Esta atitude se une e se intensifica com outro fator característico das colonizações européias modernas – o deslocamento. Sobre este aspecto, Ania Loomba é a teórica que nos traz informações mais consistentes, uma vez que o deslocamento tanto de colonizadores para as colônias quanto de colonizados para a metrópole ou para outras colônias está vinculado ao princípio do capitalismo. Dessa forma inicia-se o fluxo de migração que não pára com a independência da colônia.⁴

A ab-rogação é percebida de melhor forma quando voltamos nosso olhar para aqueles que se encontram, nas palavras de Edward Said, fora do lugar⁵, já que no

¹ FOFFANI, 2005: p. 83

² ORTIZ, 1983: p. 90

³ 1991 Apud BONNICI, 2002: p. 19

⁴ 1998: p. 6

⁵ 1997: p. 47

deslocamento não há memória exterior, ou seja, montanhas, rios, clima e até ruas e monumentos.

Essas pessoas que se encontram “fora do lugar” vivem, em sua maioria, nas ex-metrópoles. Sua condição híbrida se intensifica exatamente pela ausência da memória exterior.

Mas qual a relação entre todos esses fatores até agora apresentados e o questionamento do cânone eurocêntrico?

Tendo os escritores consciência de sua condição híbrida (intensificada), seu passado subjugado, sua imersão na cultura do ex-colonizador e sua condição subalterna, os mesmos subvertem as estruturas intelectuais do ex-colonizador para favorecerem seus próprios desejos.

A literatura, então produzida sob essas condições, deixa transparecer todo um questionamento pós-colonial que coloca em xeque a supremacia européia, construída à custa da usurpação de terras, povos, culturas e conhecimentos. O mais importante é que esse questionamento é feito pelo ex-colonizado, na ex-metrópole, por meio da língua do ex-colonizador também ab-rogada.

Cresce, então, o interesse pela crítica literária por essas literaturas e, podemos comprovar esse fato através dos inúmeros prêmios literários que escritores de ex-colônias estão recebendo por toda a Europa, já há alguns anos.

Claro que a literatura pós-colonial nos traz questionamentos infinitos. Para esse estudo investigamos como se apresenta a identidade e a nação a esses escritores pós-coloniais em condição de deslocamento e como essas questões permeiam suas obras. Assim, a principal questão que este trabalho pretende responder é: como se constituem e se manifestam a identidade e a nação nas obras desses escritores?

Durante o processo de investigação sobre a identidade dos escritores pós-coloniais e como se apresentava a eles a idéia e vivência de nação ou pátria, uma vez que estão distantes de suas terras natais, deparamo-nos com observações acerca das obras desses escritores que apontavam para um aspecto espiritual que transcendia o real. A partir dessas observações, deu-se um novo questionamento: será que as problemáticas pós-coloniais aqui investigadas eram unicamente resultado de conflitos sócio-culturais ou elas poderiam ter outro nível de interpretação, um nível transcendente?

Otimistas de que as questões pós-coloniais também poderiam ser consideradas frutos de uma experiência transcendente, a partir dessa nova problemática que se apresentava, decidimos assumir o desafio não convencional de estudar as teorias pós-

coloniais juntamente com os estudos de mística para estabelecer uma relação entre a realidade e o que chamamos de suprarrealidade. Nessa etapa da pesquisa, enfatizamos como as obras desses escritores que vêm se destacando na crítica literária pós-colonial são produzidas e porque essas obras vêm sendo consideradas distintas de tantas obras produzidas ao longo dos anos, ao redor do mundo.

A título de sistematização, sintetizamos as principais informações pesquisadas em cada capítulo desta dissertação.

No capítulo de abertura intitulado *América Latina e Índia: aproximações*, estabelecemos uma aproximação histórica entre América Latina (e Caribe) e a Índia através da era dos descobrimentos que, por exemplo, deixou como marca, ainda presente em nossas sociedades, a designação de “índios” aos indígenas de nossas terras, pelos primeiros descobridores terem pensado que haviam chegado à Índia.

Outro fator importante que une América Latina (e Caribe) à Índia é a condição subalterna que compartilham esses países em relação aos países europeus (e aos norte-americanos). Dessa forma, determinamos nosso posicionamento subalterno para o estudo de literaturas também consideradas subalternas.

No segundo capítulo intitulado Teorias e literaturas pós-coloniais, apresentamos resumidamente o percurso colonial, suas principais implicações nas sociedades colonizadas até seu processo de descolonização. Demonstramos a importância da literatura como objeto de estudo do impacto colonial nas sociedades e locus de questionamento teórico.

Iniciamos, então, uma divisão do estudo em seções para facilitarmos a compreensão dos estágios da pesquisa e também para uma apresentação mais didática das observações e conclusões.

Na primeira seção intitulada *Colonialismo e Imperialismo*, distinguimos os conceitos “imperialismo” e “colonialismo” além de diferenciarmos as colonizações antigas das colonizações européias modernas.

Na segunda seção de nome *Construindo o subalterno*, descrevemos o percurso de construção da subalternidade, primeiramente através dos conhecimentos históricos dos povos considerados inferiores e como esse conhecimento “assegura” a superioridade européia culminando no binarismo colonizador/colonizado, em suas múltiplas formas. Isso acarreta uma discussão sobre “o olhar do outro” como uma construção da alteridade, a criação de um léxico próprio para descrevê-lo e descrever-se. Aqui percebemos a presença de um pensamento evolucionista e o processo de

colonização (europeização) como missão civilizadora. Observamos, então, o processo de transculturação e a formação de sociedades e culturas híbridas.

Na terceira seção chamada *Rebeldia e descolonização*, demonstramos que, após o processo de transculturação e conseqüentemente hibridização, as sociedades colonizadas se dão conta de seu papel no processo colonial e, como uma segunda característica da transculturação, resistem a uma possível aculturação. Discutimos, então, a afirmação da identidade e defendemos a identidade híbrida como a forma mais segura de resistência. É a resistência a uma aculturação (domínio total pela cultura européia) que causa a descolonização formal.

Na penúltima seção intitulada *Narrativa e língua*, restabelecemos um percurso da colonização como um processo discursivo, primeiramente como uma atitude leitora que, posteriormente será posta em prática não só através da força bruta, como através de atitudes também discursivas, como a criação do léxico/estereótipo (já citado acima) e o silêncio do subalterno, que, ao contrário de ser uma ausência, se transforma em presença significativa.

Também fazemos referência à imposição da língua e estruturas literárias européias nas colônias, as suas absorções pelos colonizados e à subversão dessas mesmas estruturas narrativas em prol de sua auto-representação, dessa forma, recuperando sua voz antes sufocada pelo europeu. Mencionamos a formação das literaturas nacionais e a importância da literatura pós-colonial.

Na última seção de nome *A casa do descolonizado: nação e identidade*, devido à frequência com que a metáfora da “casa” é mencionada por teóricos e escritores, enfatizamos o uso dessa metáfora, em que em alguns casos significará identidade, em outros, nação, em contexto especialmente de deslocamento. A casa, ou seja, identidade e nação, também é vista aqui como discursivamente construída.

Relembramos os conceitos de transculturação e hibridização, uma vez que vamos trabalhar com a idéia de identidade e de nação híbridas. Como esses dois elementos são construídos através da língua (como discurso), desenvolveremos as características que ela apresenta: portátil e relacional.

Além disso, apresentamos o conceito de relação como mutalibilidade (um grau mais profundo que a hibridização). Essa característica híbrido-relacional é, incluso, expressa nos tipos de textos atualmente produzidos (gêneros híbridos).

No terceiro capítulo intitulado *A dimensão espiritual da literatura pós-colonial*, apresentamos uma rápida discussão sobre a falta de teóricos que pesquisem a relação

direta da mística com as questões pós-coloniais e justificamos a importância desse diálogo entre as áreas de estudo, exemplificando. Também apresentamos resumidamente os tópicos que iremos discutir ao longo das demais seções.

Na primeira seção intitulada *A casa da alma*, a partir da visão de exílio de Paul Tillich, definimos a migração espiritual, demonstramos o aspecto espiritual que liga a terra do exílio à terra natal. Também apresentamos o conflito entre a percepção do exílio entre Paul Tillich e Edward Said e como ambos podem produzir obras valiosas, um por via consciente e outro por via inconsciente da experiência de encontro profundo com o outro.

Na segunda seção de nome *No princípio era o verbo?* fazemos alusão à origem da criação bíblica para discutir a origem das experiências interiores. Demonstramos como elas se originam através do plano real, o qual chamamos natural em oposição ao supranatural (ou suprarreal), de um encontro entre o homem e outro objeto (ser) do cotidiano. O plano natural e o supranatural são classificados por Mircea Eliade (1973), respectivamente como plano profano e plano sagrado, daí a contribuição para o título desta pesquisa. É nesse encontro, classificado como especial por todos os teóricos nos quais nos baseamos, que se dá a abertura para o transcendente e o homem se depara com o sagrado.

Inicia-se, então, a tentativa de compreensão do sentimento gerado nesse encontro. A resposta para a pergunta inicial é que na origem da experiência interior se encontra o sentimento que é gerado nesse encontro, ou seja, essa experiência tem em seu princípio uma característica pré-lingüística, que por sua vez, está relacionada com a cultura.

Na terceira seção chamada *O nascimento da obra*, já mencionado na seção anterior, damos ênfase não mais à experiência interior, mas sim à obra literária. A origem desta está intrinsecamente relacionada com aquela.

Como só uma parte da experiência interior é compreendida pelo homem, visto que ela faz parte de Outra realidade, o incômodo de não compreendê-la totalmente faz com que ela toma forma no discurso e, mesmo sendo inefável, por estar no plano do sagrado, sua única forma de saída é utilizar a linguagem artística como forma de expressão. A linguagem utilizada para expressá-la e compreendê-la é uma linguagem simbólica, preservando assim, o grau obscuro da experiência transformada em linguagem.

Na penúltima seção chamada *A singularidade do artista e da obra*, apontamos o que faz um escritor ser considerado um escritor especial cuja produção artística também é considerada valiosa, distinguindo-se das demais.

Na última seção intitulada *A leitura*, discutimos como a experiência profunda vivenciada pelo autor e transformada em obra artística também pode ser experimentada pelo leitor por meio da leitura. Mas assim como é necessário que o escritor esteja aberto a uma experiência do transcendente a partir do ordinário, também é necessário que haja um leitor disposto a abrir-se ao sagrado.

No quarto capítulo chamado *A doçura do mundo*, tomamos a obra de mesmo nome, da escritora indiana Thrity Umrigar, à qual aplicamos os tópicos teóricos investigados nos capítulos anteriores. Uma breve biografia da autora, na qual, por meio de suas próprias palavras, permite perceber a importância que o colonialismo britânico na Índia teve em sua vida como escritora e acadêmica e a tomada de decisão de migrar para a Inglaterra.

Optamos por usar no corpo da pesquisa as citações da publicação brasileira para que não houvesse uma passagem rápida, em inúmeros momentos em que as citações não estão deslocadas do corpo do texto, do português para o inglês e vice-versa, especialmente pela edição brasileira apresentar uma excelente tradução. Porém, apresentamos as citações originais em inglês, em anexo, ao final de todo o trabalho.

No último capítulo intitulado *De olho nas penas*, analisamos a obra de mesmo nome da escritora brasileira Ana Maria Machado. Com dados biográficos da vida da escritora, mostramos a importância que os momentos de exílio, não colonial, mas político, uma vez que o Brasil se encontrava em ditadura militar, teve na produção de suas obras. Assim, tanto na obra de Thrity Umrigar, quanto na de Ana Maria Machado, analisamos as problemáticas de identidade, o sentimento de pertencimento ao lugar (nação) e a dimensão transcendente dos encontros.

Muitas obras utilizadas nesta pesquisa que são citadas em espanhol possuem uma edição brasileira correspondente, porém, devido ao intercâmbio feito na Argentina, no decorrer da investigação, as obras adquiridas não estão em português.

Algumas citações, entretanto, foram traduzidas por não estarmos de posse do texto original durante a redação desta pesquisa, mas sim, contando apenas com nossas anotações e traduções feitas durante a leitura dos textos. Neste caso, colocamos uma observação em nota de rodapé dizendo que a tradução é nossa.